

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

BACHARELADO EM TEOLOGIA

RONI SEABRA VIANA

O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO E A PRESENÇA DOS/AS NEGROS/AS:  
RELAÇÕES COM O MOVIMENTO TEOLOGIA NEGRA

VITÓRIA-ES

2022

RONI SEABRA VIANA

O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO E A PRESENÇA DOS/AS NEGROS/AS:  
RELAÇÕES COM O MOVIMENTO TEOLOGIA NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Artigo  
como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel  
em Teologia. Faculdade Unida de Vitória.

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Beise Ulrich

VITÓRIA-ES

2022

# O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO E A PRESENÇA DOS/AS NEGROS/AS: RELAÇÕES COM O MOVIMENTO TEOLOGIA NEGRA

*Roni Seabra Viana<sup>1</sup>*

*Claudete Beise Ulrich<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo busca analisar a adesão dos/as negros/as ao movimento do pentecostalismo brasileiro, bem como verificar se é possível estabelecer uma relação entre o pentecostalismo manifestado no Brasil e o movimento da teologia negra, com origem nos Estados Unidos, nos anos 1960. Diante disso, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual é a relação existente entre o pentecostalismo brasileiro e o movimento da teologia negra? Para responder ao problema de pesquisa proposto e atingir os objetivos traçados, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, na qual buscou-se materiais, entre estes artigos e livros, previamente elaborados com pertinência ao tema. Conclui-se que o pentecostalismo brasileiro e o movimento da teologia negra convergem com relação à luta do povo negro oprimido, marcado pelo processo histórico de exclusão, marginalização e desigualdade.

Palavras-chave: Pentecostalismo Brasileiro. Movimento Teologia Negra. Negros/as.

## INTRODUÇÃO

Os/as negros/as africanos/as, historicamente, foram subjugados e sofreram opressão, preconceitos e diversas formas de violência. Na época do Brasil Colônia, os africanos chegaram ao país para serem escravizados, ou seja, tratados como objetos, de posse material do seu colono/senhor, sujeitos a condições degradantes e desumanas de trabalho, sem qualquer direito, não eram vistos como indivíduos, e sim como coisas/mercadorias.

Nesse sentido, estabeleceu-se uma relação de dominação política, social, econômica e cultural direta dos europeus sobre o povo africano, motivo pelo qual esses últimos foram proibidos de exercerem sua fé, seus dogmas, suas crenças, seus credos. Na época, imperava-se a religião católica como oficial, a qual, em sua maioria, eram favorável a situação vivida pelos negros/as escravizados/as. Com isso, surgem movimentos em prol da luta dos/as negros/as relacionados à fé, como é o caso do movimento pentecostal e da teologia negra.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia. Faculdade Unida de Vitória. 2022/2.

<sup>2</sup> Professora Dra. Orientadora do TCC.

O presente trabalho busca analisar a adesão dos/as negros/as ao movimento do pentecostalismo brasileiro, bem como verificar se é possível estabelecer uma relação entre o pentecostalismo manifestado no Brasil e o movimento da teologia negra, com origem nos Estados Unidos, nos anos 1960. Diante disso, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual é a relação existente entre o pentecostalismo brasileiro e o movimento teologia negra?

O artigo encontra-se dividido em três tópicos, cada um contendo dois subtópicos. No primeiro tópico, analisou-se a chegada dos africanos no Brasil e a proibição da manifestação da cultura negra no país no período colonial, além de compreender o processo histórico da vinda desse povo para o país. Além disso, verificou-se a origem do pentecostalismo como movimento e sua evolução. No segundo tópico, estudou-se o pentecostalismo no Brasil, de forma a ressaltar de que maneira ele manifestou sua origem no país, e de que forma ocorreu o seu desenvolvimento. Também nessa seção, analisou-se a adesão dos/as negros/as ao pentecostalismo brasileiro e buscou-se entender os motivos desse acontecimento. Por fim, no terceiro e último tópico, analisou-se o movimento da teologia Negra, seu surgimento, seu contexto e suas ideias, buscando relacioná-las com o movimento pentecostal.

Para responder ao problema de pesquisa proposto e atingir os objetivos traçados, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, na qual buscou-se materiais previamente elaborados com pertinência ao tema.

## 1 OS/AS NEGROS/AS NO BRASIL, A MANIFESTAÇÃO DE SUA CULTURA E RELIGIÃO E O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Inicialmente, busca-se analisar o processo histórico da chegada dos/as negros/as escravizados no Brasil, e a opressão europeia com relação à cultura desse povo, fato que culminou em um processo de marginalização e exclusão verificados até os dias atuais. Além disso, pretende-se analisar o pentecostalismo em sua origem, buscando entender o seu surgimento, desenvolvimento, características, ideias e principais nomes atrelados ao movimento. Dessa forma, esta seção encontra-se dividido em duas partes para melhor compreensão dos temas que se pretende abordar.

### 1.1 A diáspora negra no Brasil

Nada obstante, mesmo que, atualmente, uma geração de negros/as brasileiros/as participa de um movimento de inserção profissional, intelectual e política em setores historicamente negados a esse grupo étnico-racial e vivam um processo de ascensão social, o racismo e a discriminação racial continuam sendo o alicerce da estrutura social do país notadamente desigual.<sup>3</sup>

Segundo Heloísa Maria Teixeira, isso decorre da história da vinda dos/as negros/as, no período colonial, com a negação de suas culturas, religiões, valores, crenças, na tentativa de impor o sistema europeu, predominante na época. No final do século XV e início do século XVI, os portugueses desembarcaram no continente africano, navegando pelo Atlântico. A grande motivação era a expectativa de encontrar um caminho mais curto para as minas de ouro da África ocidental. Ao conquistar os mares e atingir um grande poder imperial em torno de 1500, o reino de Portugal justificou o seu direito de se apossar de terras e subordinar populações com o argumento de levar a mensagem de Cristo e a salvação eterna para todos.<sup>4</sup>

José Bittencourt Filho afirma que os portugueses quando conquistaram o Brasil, trouxeram o catolicismo romano. Desta forma, iniciaram-se missões e evangelizações para impor a religiosidade cristã (tradição Católica Apóstolica Romana) aos povos indígenas<sup>5</sup>. Os índios tiveram de se adaptar à nova situação sobrevivendo por meio da adesão à religião oficial do império português. Muitos se rebelaram e fugiram para a floresta e tantos outros foram mortos no contato com o europeu, que também trouxe doenças desconhecidas para os povos indígenas.

Igualmente ou ainda de forma mais dura, foi o processo de evangelização dos/as escravos/as africanos em situação de escravidão, que não tinham direito de se expressar, defender a sua fé ou exercitar a sua religiosidade e foram obrigados a aderir à fé portuguesa.<sup>6</sup>, Os/as negros/as africanos foram raptados do continente africano, no final do século XV e início do século XVI, quando os portugueses, em seus empreendimentos marítimos, deram início ao processo de ocupação do território africano, e com isso iniciando o tráfico de escravos/as.

Os/as negros/as eram vendidos como mercadorias no comércio continental na metade

---

<sup>3</sup> Um exemplo é a professora, pesquisadora, autora e organizadora de muitas obras. Citamos, por exemplo, GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino. *Um olhar além das fronteiras: educação e relações sociais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

<sup>4</sup> TEIXEIRA, Heloísa Maria. *História da África e cultura afro-brasileira*. Universidade Federal de Viçosa: Viçosa, 2012. p. 25.

<sup>5</sup> BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira, religiosidade e mudança social*. 2. ed. Vitória: Unida, 2019. p. 16.

<sup>6</sup> BITTENCOURT FILHO, 2019, p. 18.

do segundo milênio da era Cristã. É importante mencionar que a Igreja Católica foi uma das instituições religiosas da época a apoiar o processo de escravidão, em especial dos/as africanos/as. Qualquer que fosse as justificativas da Igreja Católica, as mesmas eram vistas como sagradas. Esses povos eram vistos como “pecadores” não civilizados, o que compunha a justificativa para a escravidão. Segundo Moacir Rodrigo de Castro Maia,

A entrada dos escravizados nos antigos e novos domínios portugueses fazia-se, então, pela evangelização e recepção do batismo. Recebia-se um novo nome, a água do batismo e o sal como sinal da libertação do pecado original, enquanto na ata batismal anotava-se sua condição de cativo e o nome do seu proprietário. O batismo poderia libertar a alma, porém mantinha o corpo do africano escravizado.<sup>7</sup>

Os/as negros/as não vieram livremente para o Brasil e sim como escravizados/as pelos senhores portugueses. De acordo com o autor citado, o processo de feitura do/a escravo/a passava pela dessocialização do indivíduo, retirado de seu local de moradia, do convívio de seus parentes, transportado em longas distâncias para os entrepostos no litoral africano, até ser transportado nos tumbeiros (navios que transportava os/as escravos/as). Eles/as eram aprisionados em barracões e mercados até o momento da comercialização e o dia de serem transportados via navios “negreiros”.<sup>8</sup> A condição de trabalho escravo importa em cerceamento total da liberdade e em restrição a qualquer exercício de cidadania. A concepção religiosa, portanto, afirmava que era necessário “educar” esses povos, tornando-os civilizados a partir do referencial do cristianismo europeu católico, especialmente, o batismo cristão. Maia explica que “o batismo poderia libertar a alma, porém mantinha o corpo do africano escravizado” [...]. Nesse longo processo de escravização do africano, o batismo era critério central no processo de feitura do novo escravo”.<sup>9</sup> O conceito de escravo implica o de ser um bem capital, posse material, uma mercadoria, uma coisa a ser vendida e comprada.

Nota-se que o/a negro/a escravizado/a era destituído de toda a sua cultura, religião, família, não tinha personalidade jurídica ou direitos, uma vez que era visualizado como coisa, bem material, objeto e, em razão dessa qualificação, estava sujeito às condições e regras impostas pelo seu senhorio. Esta situação se estendeu até o século XIX, quando iniciaram processos de alforrias. Segundo Roberta Tavares, “é interessante, por exemplo, que mesmo com

---

<sup>7</sup> MAIA, Moacir Rodrigo de Castro. Uma nova interpretação da chegada de escravos africanos à América Portuguesa (Minas Gerais, século XVIII). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011. p. 1. [Online].

<sup>8</sup> MAIA, 2011, p. 1.

<sup>9</sup> MAIA, 2011, p. 1-2;

o status de libertos em consequência dessas cartas, esses cativos continuavam arrolados entre os bens nos inventários.”<sup>10</sup>

De acordo com Teixeira, uma das imagens mais comuns sobre a África é aquela de um continente povoado por grupos de pessoas negras próximas ao que se considera período pré-histórico, anterior à civilização. Tais grupos seriam caracterizados por uma cultura estagnada, imóvel, incapaz de qualquer desenvolvimento. Referido entendimento da sociedade africana decorreu, fundamentalmente, da incapacidade de os europeus – marcados pela cultura ocidental, a economia de mercado e o cristianismo – entenderem uma sociedade diferente, construída a partir de princípios e valores que nada deviam à cultura europeia. Dessa maneira, consolidou-se uma série de preconceitos sobre o continente, fazendo com que tivéssemos uma visão eurocêntrica sobre a África, ou seja, se considerasse como sociedades sem escrita que não produziam história.<sup>11</sup>

As práticas religiosas africanas no Brasil sempre foram entendidas de forma negativa, a partir de um olhar racista. Dessa maneira, as religiões e práticas religiosas africanas e afro-brasileiras sempre foram vistas mais como feitiçarias e magias do que como religião.

Conforme Bittencourt Filho, num contexto de imposição cultural, tanto índios quanto os/as negros/as tiveram de aceitar a fé dos portugueses.<sup>12</sup> O autor afirma que houve um processo de sincretismo religioso por parte do indígena e do africano, através de mistura de símbolos, significantes e significados religiosos para manter sua fé adotando algumas práticas do catolicismo português. Ainda segundo Bittencourt Filho, a vinda da doutrina do espiritismo kardecista, no século XIX, conclui a matriz religiosa brasileira.<sup>13</sup>

Essa matriz religiosa brasileira composta pela religião indígena, católica, dos africanos e pelo espiritismo deu origem à religiosidade matricial brasileira. Tal religiosidade se configura como um elenco de crenças e comportamentos religiosos que são comuns à maciça população brasileira independentemente do grau de consciência das pessoas quanto a essas crenças e comportamentos. Muitas vezes de forma inconsciente, o brasileiro tem essas crenças que vai passando de geração a geração.

Segundo Arnaldo Érico Huff Junior, essa situação resultou em duas tendências para o campo religioso brasileiro atual: a heterogeneização e a homogeneização<sup>14</sup>. Com a

---

<sup>10</sup> TAVARES, Roberta. Alforrias: nuances entre escravidão e liberdade. *Anpuh-Brasil – 30º simpósio nacional de história – Recife*, 2019, p. 7. [Online].

<sup>11</sup> TEIXEIRA, 2012, p. 6.

<sup>12</sup> BITTENCOURT FILHO, 2019, p. 23.

<sup>13</sup> BITTENCOURT FILHO, 2019, p. 24.

<sup>14</sup> HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. *Cadernos Ceru*, série 2, v. 19, n. 2, p. 47-70. 2008, p. 48. [Online]

heterogeneização, constituíram-se forças de pluralização e diversificação da religiosidade brasileira influenciada pelas religiões indígenas e africanas, além do catolicismo romano<sup>15</sup>. “O cristianismo brasileiro é, na verdade, em sua origem, já plural”.<sup>16</sup>

No século XIX, com o processo da “abolição da escravatura, vieram imigrantes europeus e com estes Igrejas Protestantes Históricas ao Brasil, com características multidenominacionais e com uma abordagem acultural e apologética.<sup>17</sup> Estas igrejas protestantes tinham em comum uma atitude anticatólica; essa postura, entretanto, ainda está presente com o aparecimento do pentecostalismo clássico e do neopentecostalismo nas disputas por capital religioso, espaços e fiéis. O pentecostalismo clássico levou ao extremo a catequese do protestantismo missionário; já o neopentecostalismo promove uma releitura da matriz religiosa brasileira e logra êxito no alcance do povo.<sup>18</sup> No próximo item, busca-se refletir sobre o início do Pentecostalismo, procurando perceber a influência na vida dos/as negros/as brasileiros..

## 1.2 O Pentecostalismo em sua origem

Leonildo Silveira Campos diz que o pentecostalismo é um movimento religioso que enfatiza em seu discurso e prática os seguintes pontos: Batismo com o Espírito Santo, a “segunda benção” acessível ao cristão; glossolalia (falar em línguas estranhas aos ouvintes), sinal externo do recebimento do Espírito Santo na vida; adoção de uma ética exemplar do crente no mundo, que se expressa numa atitude de recusa das formas tradicionais de organizar a vida em sociedade; fervorosa atividade proselitista; expectativa da volta imediata de Jesus a este mundo, causando o fim da história humana; possibilidade de revelação direta de Deus ao indivíduo, por meio de profecias, sonhos e visões; ênfase no ministério da cura física e espiritual dos enfermos; atribuição à figura do Satanás e seus demônios a causa de todos os males, havendo portanto a necessidade de exorcizá-los da vida das pessoas possuídas por eles.<sup>19</sup>

Pentecostalismo é uma tradição religiosa protestante, nascida do protestantismo, no começo do século XX. O nome vem de Pentecostés, festa religiosa dos judeus, dia em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos e começou o cristianismo (Atos 2.1-11). Por isso, o

---

<sup>15</sup> HUFF JÚNIOR, 2008, p. 48.

<sup>16</sup> HUFF JÚNIOR, 2008, p. 48.

<sup>17</sup> RIBEIRO, Antônio Carlos. Protestantismo de imigração: Chegada e reorientação teológica. *Atualidade Teológica*, ano XII, nº 28, p. 94-107, 2008. p. 95-99. [Online]

<sup>18</sup> HUFF JÚNIOR, 2008, p. 48-49.

<sup>19</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Abordagens usuais no Estudo do Pentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, p. 21-35, 1995. p. 22. [Online]



centro do pentecostalismo é o batismo no Espírito Santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim, uma presença toda especial do Espírito Santo, que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas.<sup>20</sup> Segundo Alexandre Carneiro de

A relação do pentecostalismo com a citada festa é indireta e acidental, por duas razões. Primeiro, porque a doutrina pentecostal está diretamente relacionada à descida do Espírito Santo; segundo, por causa da afirmação doutrinária da manifestação dos dons da glossolalia, falar em línguas estranhas, e da profecia como sinais que acompanharam a inédita manifestação do Espírito Santo. Como se pode perceber, o termo pentecostalismo não faz alusão à festa judaica (o sentido legítimo do termo), mas evoca as primeiras manifestações dos carismas do Espírito enviado à igreja, coincidentemente ocorridas no dia de pentecostes.<sup>21</sup>

O pentecostalismo como tradição cristã, tem alguns pontos comuns com o a tradição Católica Apostólica Romana: Deus Pai, Jesus Cristo, Espírito Santo. Mas dele se diferencia: não tem missa nem os sete sacramentos. No templo pentecostal não se vê altar para as missas, em imagens de santos. Da mesma forma, também existem pontos comuns do pentecostalismo com as Igrejas Protestantes, por exemplo, a Bíblia como fundamento das crenças. Mas delas ele se distingue pelo batismo no Espírito Santo, nelas inexistente.<sup>22</sup>

O pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as Igrejas Protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretções muitas vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa. O pentecostalismo como um fenômeno distinto surgiu nos últimos anos do século XIX ou nos primeiros do século XX.<sup>23</sup> O teólogo e pesquisador David Mesquiati de Oliveira, afirma que

o final do século XIX e o início do século XX testemunhou o surgimento de um movimento que se tornou tema de acalorados debates. Ficou conhecido como pentecostalismo, pela ênfase que seus seguidores davam ao Pentecostes neotestamentário, defendendo a atualidade dos dons e milagres no mundo contemporâneo.<sup>24</sup>

O pentecostalismo nasceu nas Igrejas Protestantes, e o fundador da Igreja Metodista, John Wesley, é considerado o seu criador. Entretanto, a ideia de uma santificação direta pelo

---

<sup>20</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 9.

<sup>21</sup> SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?; um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004. p. 16-17. [Online]

<sup>22</sup> ROLIM, 1987, p. 9.

<sup>23</sup> MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata XI*, n. 2, 2006, p. 23-50. p. 24.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de. Pneumatologia como característica do ser cristão: a contribuição do pentecostalismo ao conjunto do cristianismo. *Perspectiva Teológica*, v. 52, n. 2, p. 311-334, 2020. P. 318-319. [Online]. Disponível em:

Espírito Santo vinha de mais longe. Na Idade Média, Joaquim de Fiori anunciava que era chegada a era do Espírito Santo. Mas essa ideia somente foi desenvolvida no pentecostalismo.<sup>25</sup> Nada obstante tais origens remotas, o surgimento oficial do pentecostalismo pode ser datado do ano de 1901.

As manifestações oficialmente consideradas pentecostais aconteceram na Escola Bíblica Betel, na cidade de Topeka, Kansas no ano de 1901, quando o diretor da escola, Charles Fox Parham (1873-1929), iniciou uma série de reuniões de oração com seus alunos para buscarem uma segunda benção, que seria o batismo com o Espírito Santo que, segundo ele, somente poderia ser evidenciado por meio do “falar em línguas estranhas”. Foi assim que, nos primeiros dias de janeiro de 1901, o “fogo do Espírito” caiu sobre aquele grupo de pessoas. Os/as alunos/as passaram, então, a espalhar essa novidade de vida às diversas cidades e estados vizinhos.<sup>26</sup>

A eclosão do movimento pentecostal nos Estados Unidos da América, de onde se disseminou para o mundo, deu-se entre a população negra; em praticamente todos os lugares, as Igrejas Pentecostais iniciaram suas comunidades eclesiais entre as populações de baixa renda, nasceu entre os pobres, de acordo com Souza.<sup>27</sup> Gesiel Camilo da Silva Pereira diz que Charles Parham fundou o Lar de Curas Betel (1898) e o Colégio Bíblico Betel (1900), ambos na cidade de Topeka. Nesse cenário, ao estudar e analisar com os seus alunos qual seria a evidência bíblica para o batismo com o Espírito Santo, chegaram à conclusão que seria o falar línguas.<sup>28</sup>

Em 1906, um desses alunos chegou a Los Angeles. Esse aluno era William James Seymour (1870- 1920), um pastor da Igreja Batista, negro e cego de um olho, que venceu obstáculos impostos pelo próprio Parham que era um admirador da Ku-KluxKlan, organização racista do sul dos Estados Unidos, como ter que assistir as aulas da escola Betel do lado de fora da sala, segundo Saulo de Tarso Cerqueira Baptista.<sup>29</sup>

Campos lembra que depois da primeira pregação em uma Igreja dos Nazarenos, William conquistou alguns adeptos e nos dias seguintes se estabeleceu num antigo templo metodista, na Rua Azusa, que passou a atrair pessoas de todas as partes do país<sup>30</sup>. Rolim diz que o interior

---

<sup>25</sup> ROLIM, 1987, p. 23.

<sup>26</sup> CAMPOS, 1995, p. 25.

<sup>27</sup> SOUZA, 2004, p. 18.

<sup>28</sup> PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. Origem do movimento pentecostal no Brasil: Assembleia de Deus de 1910 a 1950. *AD AETERNUM - Revista de Teologia*, n. 2, 2021, p. 235-249. p. 240. [Online]

<sup>29</sup> BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Fora do Mundo – Dentro da Política: Identidade e “missão parlamentar” da Assembleia de Deus em Belém*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2022, p. 19.

<sup>30</sup> CAMPOS, 1995, p. 25.

desse velho templo abrigava evangélicos, majoritariamente negros/as, que, em orações prolongadas pela noite adentro, buscavam a santificação pelo Espírito<sup>31</sup>. Rapidamente, as novas práticas rituais e a teologia pentecostal se espalharam por todo o mundo. De acordo com Paul Freston, William Howard Durham, pastor batista de Chicago, converteu-se ao pentecostalismo no antigo templo metodista, na rua Azusa. A cidade de Chicago, era segunda maior cidade dos Estados Unidos e formada por maioria de imigrantes ou filhos/as de imigrantes.<sup>32</sup>

O que tornou o movimento da Rua Azusa o berço do pentecostalismo contemporâneo não foram propriamente as manifestações de glossolalia, curas e exorcismos, tendo em vista que não se originaram especificamente nesse episódio. A distinção desse movimento nasce a partir do momento em que as reuniões da Rua Azusa receberam a atenção da imprensa secular em sua primeira semana de programação, conforme as autoras Catiane Rocha Passos de Souza e Rita de Cássia Aragão Matos.<sup>33</sup>

Ainda de acordo com as autoras, os encontros que eram liderados pelo Pastor William Seymour, negro, garçom e filho de ex-escravos, começaram a acontecer dia 14 de abril de 1906 e três dias após, o jornal Los Angeles Daily Times enviou um repórter ao local das reuniões: “O Los Angeles Times enviou um repórter a um culto noturno na primeira semana de existência da Missão<sup>34</sup>. Os encontros eram realizados de domingo a domingo, três vezes por dia, e com o prédio sempre lotado. Em poucos meses a Azusa Street Mission, passou a ser chamada de *Apostolic Faith Mission*. A frequência diária dos cultos era de 1,3 mil pessoas, onde o fervor do avivamento ainda continuou por cerca de três anos, segundo Pereira.<sup>35</sup>

Ao longo dos séculos, os cultos de tradição pentecostal incorporaram características distintas no que diz respeito aos aspectos doutrinários e às ênfases carismáticas. Também são bem perceptíveis a diversificação de sua clientela e as mudanças que geraram novos tipos de performance de sua liderança. Os valores morais da fé pentecostal tiveram, também, ao longo do tempo alterações visíveis, que revelaram ao mundo social um pentecostalismo mais moderado e socialmente mais participativo.<sup>36</sup>

---

<sup>31</sup> ROLIM, 1987, p. 22.

<sup>32</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

<sup>33</sup> FRESTON, Paul. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 76.

<sup>34</sup> SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. O pentecostalismo clássico brasileiro em vias de midiaticização. *Revista Extraprensa*, v. 11, n. 1, p. 256-277, 2017. p. 262. [Online]

<sup>35</sup> PEREIRA, 2021, p. 242.

<sup>36</sup> SOUZA, 2017, p. 20.

## 2 AS ORIGENS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO E A PARTICIPAÇÃO DOS/AS NEGROS/AS

Nesta seção, busca-se analisar o desenvolvimento do movimento pentecostal no Brasil e a adesão dos/as negros/as, de maneira a ressaltar os motivos que levaram a essa adesão, bem como de que maneira ela ocorreu na história. Dessa forma, primeiramente estuda-se a origem do movimento pentecostal no Brasil, expondo o seu desenvolvimento histórico. Posteriormente, estuda-se a adesão dos/as negros/as ao movimento, as causas e os reflexos desse fenômeno.

### 2.1 O Pentecostalismo brasileiro: origens e desenvolvimento

Segundo Rolim, com a influência da experiência em Chicago saíram três homens missionários que trouxeram o pentecostalismo ao Brasil. No ano de 1910, o ítalo-americano, Luigi Francescon, logo após a sua chegada no Brasil, fundou, nas cidades de São Paulo e Santo Antônio da Platina, a Congregação Cristã no Brasil (CCB).<sup>37</sup>

De acordo com o autor citado, a Congregação Cristã *do* Brasil nome que, posteriormente, foi mudado para Congregação Cristã *no* Brasil, é a mais antiga, datando do ano de 1910. Luigi Francesco fundou esta igreja no bairro italiano do Brás, na capital paulista. Italiano de origem, Francescon veio dos Estados Unidos, em 1909, com a intenção de difundir sua experiência pentecostal entre seus compatriotas. Nesse bairro densamente povoado de italianos, onde se falava italiano no comércio e nas igrejas, Francescon foi acolhido pela Igreja presbiteriana pelo fato provavelmente de ter sido presbiteriano antes de abraçar o pentecostalismo. No interior do Paraná, fundou um pequeno núcleo pentecostal, em Santo Antônio da Platina. Encorajado por esta primeira conquista, Francescon criou, com presbiterianos dissidentes, a primeira igreja oficial da Congregação, no bairro do Brás, em 1910.<sup>38</sup>

Segundo Campos, n ano seguinte, em 1911, os sueco-americanos Daniel Berg e Gunnar Vingren foram para o norte do Brasil, em Belém do Pará e nesse local deram origem à Igreja Assembleia de Deus<sup>39</sup>. A Assembleia de Deus foi fundada um ano depois da Congregação. Rolim diz que a criação desta Igreja nasceu de uma dissidência Batista. Estes dois missionários,

---

<sup>37</sup> ROLIM, 1987, p. 30.

<sup>38</sup> ROLIM, 1987, p. 32.

<sup>39</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

começaram a realizar, com os Batistas, reuniões de orações para pedirem o Batismo no Espírito Santo.<sup>40</sup>

Segundo as autoras Souza e Matos, praticamente, em toda primeira metade do século XX no Brasil somente essas duas denominações pentecostais se estabeleceram. A Congregação Cristã do Brasil centralizada na imigração italiana em São Paulo preservou seu *ethos* de irmandade. Enquanto a CCB se concentrou no Sudeste, sobretudo em São Paulo, até os anos 90, as Igrejas Assembleias de Deus em menos de duas décadas se espalharam pelo Norte e Nordeste, atingindo 20 estados antes de 1930. Apesar dos esforços e do ímpeto missionário dos assembleianos, a CCB chega aos anos 30 com um número de membros bastante superior ao das ADs.<sup>41</sup>

O crescimento acelerado da CCB até os anos 30 tem relação com o processo de identificação, ou seja, era uma religiosidade pregada por um italiano na comunidade italiana em São Paulo. O desenvolvimento industrial em São Paulo atraía uma forte migração em contraponto à crise da borracha que redimensionava o fluxo migratório do Norte para as regiões Nordeste e Sudeste do país.<sup>42</sup>

Entre os anos de 1911 e 1950, segundo Campos, o pentecostalismo teve um crescimento significativo em todas as regiões do país. O Brasil, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, experimentou um explosivo crescimento urbano e industrial; rapidamente os campos se esvaziaram e as pessoas tomaram o rumo da cidade. O panorama cultural foi também se alterando, o rádio e a televisão foram se tornando, cada vez mais, os principais meios de influenciar as massas. As demandas das pessoas reunidas em massas possibilitavam o surgimento de uma vaga pentecostal.<sup>43</sup>

Surge, então, resultante desse novo estado de coisas, uma acomodação pentecostal dessa sociedade urbana e industrial portadora de dramáticas carências sociais. Esse pentecostalismo passou a fazer da cura divina e da solução milagrosa dos problemas pessoais seus eixos temáticos. Nesse sentido, foram se moldando novas Igrejas, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”, Igreja de Nova Vida, Igreja Pentecostal “Deus é Amor”.<sup>44</sup>

Segundo Rolim, a Assembleia de Deus logo se espalhou pelos estados do Norte, Amazonas e Maranhão. Não demorou muito e ela já descia para o Nordeste. As secas

---

<sup>40</sup> ROLIM, 1987, p. 35.

<sup>41</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 265.

<sup>42</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 266.

<sup>43</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

<sup>44</sup> CAMPOS, 1995, p. 26.

nordestinas concorreram para apressar a entrada do pentecostalismo no Nordeste. Quando, para escapar da fome, o nordestino não procurava o litoral, fugia desgarrado para o Maranhão ou Pará, e no cinturão de casebres em torno das cidades, topava com acanhados templos pentecostais. A pregação do pentecostal e a leitura da Bíblia prendiam a curiosidade do imigrante nordestino.<sup>45</sup>

Assim, criada em 1911, no Norte, a Assembleia de Deus contava, já em 1940, com vários templos em todos os estados e territórios nacionais. Na década de 20, foi criado pelo mesmo processo, na capital do País, o primeiro núcleo pentecostal. A casa de uma família vinda de Belém tornou-se o templo inicial, em que o chefe da família se fazia de pastor, sem o ser oficialmente. Deste primeiro grupo nasceu o grande templo da Assembleia de Deus no Campo de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro.<sup>46</sup>

Em 1910, havia apenas dois templos pentecostais. Nessa fase, o fenômeno do pentecostalismo apenas começava. Vinte anos depois, em 1930, o número de templos somava 267, e o das igrejas não pentecostais, 1100. No ano de 1970, os templos pentecostais eram aproximadamente 11000, e as igrejas não pentecostais, 14000. O crescimento dos pentecostais é, sem dúvida, significativo. Mais significativa, entretanto, do que este aspecto quantitativo é a reprodução das crenças pentecostais e o agente desta reprodução, que são as camadas pobres que a elas aderem.<sup>47</sup>

O movimento pentecostal se pulverizou em uma espécie de “pentecostalismo autônomo”<sup>48</sup>, segundo Campos. O mesmo autor coloca que a estratégia dessas igrejas fez do rádio um dos mais importantes instrumentos de mobilização popular e de divulgação de suas sessões de milagres. Nos anos 70, com a população urbana ultrapassando a taxa de 70% e com a consolidação da televisão, surge um novo tipo de pentecostalismo. Vem à baila uma tradição religiosa pentecostal de massas, que emprega com desinibição a mídia televisiva e faz dos milagres, exorcismos e promessas de prosperidade, seus principais produtos, agora colocados no competitivo mercado religioso. Desse novo patamar de acomodação surgem a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja “Renascer em Cristo”, entre outras.<sup>49</sup>

---

<sup>45</sup> ROLIM, 1987, p. 36.

<sup>46</sup> ROLIM, 1987, p. 37.

<sup>47</sup> ROLIM, 1987, p. 42.

<sup>48</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, 2005. p. 100. [Online]

<sup>49</sup> CAMPOS, 1995, p. 27.

Nesse sentido, o contexto de desenvolvimento industrial e urbano acelerou a dinâmica dos fluxos migratórios, fato que contribuiu significativamente para a proliferação do pentecostalismo, gerando também êxodos religiosos. A midiaticização da temporalidade, materializada na produção/reconhecimento das sequências narrativas esquematizadas em imagens redimensiona o modo das pessoas compreenderem os fenômenos. Uma religiosidade mais publicizada e espetacularizada encontrou sentido nas relações das pessoas que viviam em processo de evolução da semiose social, portanto, havia maior valorização das manifestações visíveis do poder divino, o deus do início do século XX precisou dar sinais visíveis e audíveis de sua existência, segundo as autoras Souza e Matos.<sup>50</sup>

Nesse sentido, Pereira diz que o pentecostalismo no Brasil pode ser classificado em três ondas, de acordo com os estudos do sociólogo Paul Freston. A primeira onda deu-se de 1910 a 1950, com a vinda da Congregação Cristã no Brasil (CCB) no começo de 1910 com Luigi Francescon, e da Assembleia de Deus (AD) em 1910 com Daniel Berg e Gunnar Vingren. Estas duas igrejas tiveram o campo brasileiro para si durante 40 anos, pois suas “irmãs” eram quase inexpressivas. A CCB, após um grande êxito inicial, se estagnou enquanto a AD se expandiu geograficamente.<sup>51</sup>

A segunda fase pentecostal deu-se entre os anos de 1950 a 1960, numa fragmentação pentecostal surgindo novas igrejas como Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) em 1951, a igreja O Brasil para Cristo em 1955 e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) no ano de 1962.<sup>52</sup>

A terceira e última fase iniciou-se no fim da década de 70 ganhando força no início de 1980. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977, seguida pela Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) no ano de 1980. Essas igrejas trazem uma nova roupagem para o pentecostalismo na inserção social e fazem surgir um novo nome para seu *modus vivendi*, o neopentecostalismo.<sup>53</sup>

No Brasil, nas três últimas décadas, as igrejas pentecostais conquistaram visibilidade nacional. Têm atraído para as suas comunidades centenas de milhares de pessoas e despertado a sociedade brasileira para a emergência de uma possível força capaz de influenciar significativamente, não apenas o quadro religioso, mas também o social e o político do país.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> SOUZA; MATOS, 2017, p. 266.

<sup>51</sup> PEREIRA, 2021, p. 237.

<sup>52</sup> PEREIRA, 2021, p. 237.

<sup>53</sup> PEREIRA, 2021, p. 238.

<sup>54</sup> SOUZA, 2004, p. 11.

## 2.2 O Pentecostalismo brasileiro e a adesão dos/as negros/as

A negritude brasileira é um tema que atualmente vem despertando grandes debates, não só em academias, congressos, seminários, mas também na mídia televisiva e impressa, tanto no âmbito privado como no âmbito público. No âmbito religioso, a Igreja Metodista foi uma das primeiras do protestantismo de missão a possuir um ministério de ação afirmativa, ou seja, um trabalho voltado para o público negro em seus mais diversos aspectos.<sup>55</sup>

Na história do Brasil, existe uma relação entre o movimento pentecostal e os/as negros/as, tendo em vista que é possível observar a presença deles/as, com heranças culturais africanas, como fiéis desse movimento. Isso porque, viu-se que os/as africanos/as que foram trazidos para o Brasil para serem escravizados/as eram impedidos de exercer a sua fé, suas crenças e seus credos, vivendo de maneira marginalizada.

Nesse sentido, afirma José Honório das Flores Filho que, desde a época colonial, as marcas degradantes das exclusões, segregações, subjugações e preconceitos de indivíduos excluídos da sociedade ainda podem ser vistas nas periferias e favelas. Diante desse cenário, o pentecostalismo brasileiro, com todas as suas crenças e ideias, foi visto como um “recurso” para que os/as negros /asse refugassem diante da opressão hegemônica de uma ideologia branca, eurocentrista, preconceituosa quanto excludente e violenta.<sup>56</sup>

Em estudo feito por Marco Davi de Oliveira, e sintetizado em sua obra “A religião mais negra do Brasil”, o autor buscou verificar qual é a religião representativamente mais negra do Brasil e por que essa identificação dos/as negros/os. O pesquisador descobre que a religião com o maior número de negros/as não são as religiões afro-brasileiras, nem a Igreja Católica, tão pouco os protestantes históricos, mas, sim, os/as pentecostais.<sup>57</sup>

Além disso, o pentecostalismo brasileiro, em decorrência de sua propagação para todas as regiões do Brasil, atingiu as periferias urbanas, atuando em bairros pobres favelizados e favelas em geral<sup>58</sup>. Assim, o pentecostalismo brasileiro se adaptou às aspirações das camadas marginalizadas da sociedade, em que a maior parte da população é negra. Importante mencionar que essa marginalização é resultado de um processo histórico, que tem origem com a vinda dos/as africanos/as escravizados para o Brasil, ou seja, os resultados desse acontecimento

---

<sup>55</sup> PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. Religião e negritude: discursos e práticas no Protestantismo e nos Movimentos Pentecostais. *Revista Eletrônica Correlatio*, n. 18, p. 95-113, 2010. p. 97. [Online]

<sup>56</sup> FLORES FILHO, José Honório das. A vocação da periferia pelo pentecostalismo e o negro pentecostal na área do Mutirão em Bayeux em meio à segregação e pobreza. *Revista de Estudos de Religião – PLURA*, v. 7, n. 1, p. 111-135, 2016. p. 112. [Online]

<sup>57</sup> PEREIRA, 2010, p. 105.

<sup>58</sup> FLORES FILHO, 2016, p. 113.



perduram até hoje na sociedade brasileira, especialmente, através da falta de processos de exclusão e de racismo.

Enquanto em outras igrejas, saber ler e escrever era considerado importante para a compreensão da Bíblia, nas igrejas pentecostais, mesmo sem saber ler ou escrever, o/a fiel pode liderar um grupo, se tiver recebido o batismo com o Espírito Santo.<sup>59</sup> Nesse cenário, “como o pentecostalismo possui uma forte presença na periferia onde se concentra a população negra, são os elementos culturais destes que são acrescentados à tradição religiosa pentecostal”<sup>60</sup>. O movimento pentecostal foi capaz de oferecer ao fiel uma valorização de sua individualidade, por meio de seu culto e liturgia. Ainda, o pentecostalismo, com seu discurso e práticas voltados para a diminuição da distância entre os líderes e os leigos, conduziu a solidariedade que permeava entre os pobres para dentro das práticas das organizações.<sup>61</sup>

### 3 A TEOLOGIA NEGRA E O PENTECOSTALISMO: RELAÇÕES ENTRE OS MOVIMENTOS

O terceiro e último tópico do presente estudo busca analisar uma relação existente entre o movimento da teologia negra, manifestado nos anos de 1960 nos Estados Unidos, e o movimento pentecostal brasileiro. O ponto de interferência que se pretende analisar são as lutas dos/as negros/as em relação à opressão, exclusão, desigualdade e marginalização que sofrem em decorrência de um processo histórico mundial, devido a escravização. Dessa maneira, ambos os movimentos são relacionados à tradição cristã, e tem uma mesma finalidade: buscar a integração social de povos historicamente marginalizados e excluídos da sociedade. Assim, o tópico divide-se em duas seções: primeiramente, analisa-se o movimento da teologia negra, seu surgimento e suas ideias; posteriormente, faz-se uma relação do movimento da teologia negra com a manifestação do pentecostalismo brasileiro entre os/as negros/as.

#### 3.1 A Teologia Negra

Segundo, Joe Marçal Gonçalves dos Santos; Charlisson Silva de Andrade, a teologia negra da Libertação pode ser compreendida como uma teologia cristã que surge e se desenvolve no decorrer do século XX, a partir da experiência afro-diaspórica determinado pela ideia de

---

<sup>59</sup> PEREIRA, 2010, p. 106.

<sup>60</sup> FLORES FILHO, 2016, p. 126.

<sup>61</sup> PEREIRA, 2010, p. 106.

libertação e justiça em relação ao povo negro. Trata-se de uma hermenêutica teológica antirracista, na qual a fé está associada às condições materiais de existência. Por meio dessa teologia, busca-se uma compreensão dos textos bíblicos que efetivamente respondam à realidade da vida da comunidade negra, objetivando, por meio de valores cristãos, uma transformação concreta de tal realidade.<sup>62</sup>

Diante desta realidade contextual, Jonas Euflausino da Silva afirma que o discurso dos missionários cristãos era um instrumento de dominação, favorecido pelos senhores de escravos, que enxergavam na evangelização dos/as negros/as, um fator que poderia contribuir para a melhoria da submissão e da produtividade. Assim, emergiu a teologia negra, percebendo a incoerência da aplicação dos elementos do discurso cristão à realidade histórica dos/as escravizados/as. Diante da percepção de incoerência, surge a indagação por parte dos/as negro/ass: Como acreditar em um Jesus Salvador incondicional da humanidade, diante do sofrimento imposto pela escravidão?<sup>63</sup>

Por esse motivo, ainda de acordo com o autor, houve um processo de ressignificação do cristianismo pelos/as integrantes negros/as da igreja americana, buscando o sentido existencial de ser negro/a, escravizado/a e cristão/cristã. O ponto de partida para este novo pensar foi a própria Bíblia apresentada pelo sistema opressor e tendo como chave hermenêutica a herança africana permeada no consciente e inconsciente coletivo do povo em diáspora.<sup>64</sup>

O conceito de teologia negra foi difundido nos anos 1960 nos Estados Unidos por James Cone, a partir da concepção de que o povo negro sempre foi resistente às artimanhas da estrutura dominante que o subalternava, não reconhecendo sua humanidade. O autor afirma que a teologia negra está inserida em um contexto de reconhecimento de que as sociedades colonizadas foram submetidas às imposições eurocêntricas, na medida em que o racismo e o regime escravocrata foram mecanismos utilizados como forma de determinação das relações sociais, políticas, econômicas e religiosas.<sup>65</sup>

Dessa maneira, a teologia negra, segundo Ronilso Pacheco, tem origem em decorrente de uma sociedade marcada pela segregação racial e heranças culturais e sociais da colonização e da escravidão e, portanto, tal movimento se empenha para transformar esse cenário<sup>66</sup>. Uma

---

<sup>62</sup> SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos; ANDRADE, Charlisson Silva de. A Teologia Negra da libertação em James Cone: aspectos de sua hermenêutica contextual a partir de “O Deus dos Oprimidos” (1975). *Interações: Cultura e Comunidade*, v. 13, n. 24, p. 1-17, 2018. p. 2-3. [Online]

<sup>63</sup> SILVA, Jonas Euflausino da. O pentecostalismo americano como uma expressão da teologia negra. *Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, São Luís, v. 4, n. 8, p. 280-296, 2021. p. 285. [Online]

<sup>64</sup> SILVA, 2021, p. 285.

<sup>65</sup> PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito*. Brasília: Novos Diálogos, 2019. p. 73.

<sup>66</sup> SANTOS; ANDRADE, 2018, p. 3.

característica marcante dessa teologia é a sua “constituição marcada pela interpretação da mensagem cristã a partir das demandas de comunidades afro-diaspóricas subjugadas pelo racismo e mazelas sociais herdadas da colonização”.<sup>67</sup>

A teologia negra pode ser classificada como um tipo de teologia de libertação, tendo em vista que ela se preocupa basicamente com a libertação de um grupo de oprimidos, baseando-se na Bíblia e nas características singulares da experiência religiosa dos/as negros/as americanos/as.<sup>68</sup>

Importante mencionar que a teologia negra não trata de uma teologia africana, mas sim de uma teologia dos/as negros/as que vivem em situações de segregação e marginalização em sociedades racistas brancas, de acordo com Fábio Teodoro Raymundo e Roberto Rohregger<sup>69</sup>. Nesse sentido, afirma Silva:

A teologia negra não é meramente uma teologia africana, mas, é fruto do encontro entre os escravizados africanos em terras americanas com o discurso salvífico da igreja branca; é uma teologia que emerge da hermenêutica dos marginalizados, que tiveram os seus elementos identitários (divindades, cultura, humanidade) vilipendiados por um sistema opressor, que apresentou paradoxalmente uma mensagem de um Deus amoroso.<sup>70</sup>

Dessa maneira, a teologia negra defendeu uma forma de interpretar a Bíblia que partia de uma perspectiva de uma sociedade opressora, que não era capaz de apresentar qualquer resposta aos oprimidos a respeito do amor de Deus e sua libertação. Portanto, foi preciso pensar a teologia a com a lente do povo negro, adaptando o Evangelho a partir de sua história e de sua realidade, segundo Pacheco.<sup>71</sup>

Assim, observa-se que a teologia negra foi realizada a partir de uma hermenêutica que se assentava sobre o *locus* existencial do povo negro, motivo pelo qual estabeleceu como produto um cristianismo que se conectava com todo o sistema cultural africano, de acordo com Silva.<sup>72</sup>

### 3.2 O Pentecostalismo e a Teologia Negra

---

<sup>67</sup> SANTOS; ANDRADE, 2018, p. 3.

<sup>68</sup> PACHECO, 2019, p. 56.

<sup>69</sup> RAYMUNDO, Fábio Teodoro; ROHREGGER, Roberto. Teologia Negra: hermenêutica da resistência. *Caderno Intersaberes*, Curitiba, v. 10, n. 28, p. 142-158, 2021. p. 151. [Online]

<sup>70</sup> SILVA, 2021. p. 284.

<sup>71</sup> PACHECO, 2019, p. 79.

<sup>72</sup> SILVA, 2021, p. 295.

Como visto no tópico 1.2 do presente artigo, no ano de 1906, William James Seymour, negro, foi o responsável pela conquista de adeptos num antigo templo metodista, na Rua Azusa, nos EUA, fato marcante para o movimento pentecostal em escala mundial. Além disso, viu-se que esse local abrigava evangélicos, majoritariamente pessoas negras, que, em orações prolongadas pela noite adentro, buscavam a santificação pelo Espírito.

É possível dizer, assim, que existiu um “movimento negro pentecostal”, o qual se diferenciava dos pentecostais brancos pelo engajamento social e político. Nesse movimento, a religiosidade de santificação se aliava e continua se associando a luta política, carregando para o seu seio tanto um potencial de resistência a dominação econômica como a força da cultura negra com seus símbolos, canções e ritmos<sup>73</sup>, segundo Rolim. Dessa maneira, verifica-se que o movimento pentecostal negro se preocupava com questões sociopolíticas, buscando utilizar a tradição religiosa em prol das lutas sociais e da libertação das opressões.

Com relação ao movimento da teologia negra, tem-se que, nada obstante haver um marco para o movimento (anos 1960, com o desenvolvimento das ideias de James Cone), essa “abordagem teológica é a materialização de todo um fazer teológico perpetrado desde a escravidão e seguindo por todo o processo histórico de ser negro em uma sociedade racista”.<sup>74</sup>

O pentecostalismo manifestado no Brasil, tal como o movimento teologia negra, podem ser compreendidos como tentativas de libertação por intermédio da fé cristã, que buscam lutar contra opressões do racismo estrutural. Ambos os movimentos levam em consideração um passado histórico opressor, racista, em que prevaleceu a cultura branca em detrimento de qualquer outra, o que gerou um processo de marginalização, preconceito e exclusão dos/as negros/as. Além disso, tanto o pentecostalismo, quanto a teologia negra privilegiam a experiência, cultura, história dos/as negros/as, considerando todos esses aspectos no momento de ler o Evangelho, ouvir a Palavra de Deus e interpretar a Bíblia.

## CONCLUSÃO

Através das reflexões realizadas, foi possível perceber que a problemática levantada neste artigo foi respondida. Existe sim uma relação muito próxima entre o movimento pentecostal brasileiro e a teologia negra. Verificou-se que o processo histórico de escravidão acarretou exclusões, segregações, subjugações e preconceitos de negros/as da sociedade,

---

<sup>73</sup> ROLIM, Francisco, 1985 *apud* FLORES FILHO, 2016, p. 125.

<sup>74</sup> SILVA, 2021. p. 283.

situações estas quais que ainda se manifestam e perduram na contemporaneidade. O pentecostalismo brasileiro, com toda a sua forma de se expressar, foi visto como um recurso para que os/as negros/as se refugiassem diante da opressão hegemônica de uma ideologia branca, eurocentrista, preconceituosa, excludente e violenta.

Foi possível observar, portanto, que o pentecostalismo brasileiro se adaptou às aspirações das camadas marginalizadas da sociedade, em que a maior parte da população é negra, priorizando um discurso religioso de solidariedade, não fazendo muita diferença entre as lideranças e os/as participantes. O movimento pentecostal brasileiro, nesse sentido, tem se manifestada como uma ferramenta de combate às opressões sofridas pelo povo negro.

Nesse mesmo sentido ocorreu a manifestação do movimento da teologia negra, o qual defende a libertação do povo negro, buscando uma compreensão dos textos bíblicos que efetivamente responda à realidade da vida da comunidade negra, objetivando, por meio de valores cristãos, uma transformação concreta de tal realidade.

Assim, conclui-se que tanto o pentecostalismo manifestado no Brasil, como o movimento teologia negra, manifestado nos Estados Unidos, podem ser compreendidos como tentativas de libertação do povo negro por intermédio da fé crista, a partir de uma hermenêutica bíblica contextual, considerando também todo processo histórico do povo negro marcado por opressões, marginalizações e violências. Neste sentido, estas duas dimensões da manifestação da Teologia (Negra e Pentecostal) são fundamentais para a ressignificação do povo negro brasileiro, fortalecendo a sua autoestima, sua cidadania, isto é, a luta por direitos e igualdade. Teologia/s contextuais necessitam estar comprometidas e interligadas com a transformação da vida cotidiana do povo.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Fora da Mundo – Dentro da Política: Identidade e “missão parlamentar” da Assembleia de Deus em Belém*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2022.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira, religiosidade e mudança social*. 2. ed. Vitória: Unida, 2019.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Abordagens usuais no Estudo do Pentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, p. 21-35, 1995. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14221/12121>. Acesso em: 20 set. 2022.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-

115, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13458/15276>. Acesso em: 20 set. 2022.

FLORES FILHO, José Honório das. A vocação da periferia pelo pentecostalismo e o negro pentecostal na área do Mutirão em Bayeux em meio à segregação e pobreza. *Revista de Estudos de Religião – PLURA*, v. 7, n. 1, p. 111-135, 2016. Disponível em: [https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1161/pdf\\_162](https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1161/pdf_162). Acesso em: 20 set. 2022.

FRESTON, Paul. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino. *Um olhar além das fronteiras: educação e relações sociais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. *Cadernos Ceru*, série 2, v. 19, n. 2, p. 47-70, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11857/13634>. Acesso em: 02 out. 2022.

MAIA, Moacir Rodrigo de Castro. Uma nova interpretação da chegada de escravos africanos à América Portuguesa (Minas Gerais, século XVIII). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. p. 1. [Online] Disponível em: [https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308192610\\_ARQUIVO\\_Textocompleto\\_ANPUHjunho2011.pdf](https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308192610_ARQUIVO_Textocompleto_ANPUHjunho2011.pdf). Acesso em: 01 out. 2022.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata XI*, n. 2, 2006, p. 23-50.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Pneumatologia como característica do ser cristão: a contribuição do pentecostalismo ao conjunto do cristianismo. *Perspectiva Teológica*, v. 52, n. 2, p. 311-334, 2020. p. 318-319. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4456/4435>. Acesso em: 28 out. 2022.

PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito*. Brasília: Novos Diálogos, 2019.

PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. Religião e negritude: discursos e práticas no Protestantismo e nos Movimentos Pentecostais. *Revista Eletrônica Correlatio*, n. 18, p. 95-113, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/2407/2386>. Acesso em: 28 set. 2022.

PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. Origem do movimento pentecostal no Brasil: Assembleia de Deus de 1910 a 1950. *AD AETERNUM - Revista de Teologia*, n. 2, 2021, p. 235-249. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/7424/4527>. Acesso em: 28 set. 2022.

RAYMUNDO, Fábio Teodoro; ROHREGGER, Roberto. Teologia Negra: hermenêutica da resistência. *Caderno Intersaberes*, Curitiba, v. 10, n. 28, p. 142-158, 2021. Disponível em:

<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1956>. Acesso em: 28 set. 2022.

RIBEIRO, Antonio Carlos. Protestantismo de imigração: Chegada e reorientação teológica. *Atualidade Teológica*, ano XII, nº 28, p. 94-107, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18381/18381.PDF>. Acesso em: 02 out. 2022.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos Santos; ANDRADE, Charlisson Silva de Andrade. A Teologia Negra da libertação em James Cone: aspectos de sua hermenêutica contextual a partir de “O Deus dos Oprimidos” (1975). *Interações: Cultura e Comunidade*, v. 13, n. 24, p. 1-17, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18528/14232>. Acesso em: 02 out. 2022.

SILVA, Jonas Euflausino da. O pentecostalismo americano como uma expressão da teologia negra. *Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, São Luís, v. 4, n. 8, p. 280-296, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/16195/8902>. Acesso em: 02 out. 2022.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. O pentecostalismo clássico brasileiro em vias de midiaticização. *Revista Extraprensa*, v. 11, n. 1, p. 256-277, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/122595/137427>. Acesso em: 30 set. 2022.

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2008.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?; um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/file/capitulos/Pentecostalismo-leia.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

TAVARES, Roberta. Alforrias: nuances entre escravidão e liberdade. *Anpuh-Brasil – 30º simpósio nacional de história – Recife*, 2019, p. 1-12. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1568402374\\_ARQUIVO\\_alforrias.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1568402374_ARQUIVO_alforrias.pdf). Acesso em: 02 out. 2022.

TEIXEIRA, Heloísa Maria. *História da África e cultura afro-brasileira*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2012.